

especial ^{Rio Pardo} 103,5

RÁDIO RIO PARDO FM

Nº 51 OUTUBRO DE 2021



As flores rio-pardenses do Rincão Del Rey

Página 4

**50 anos
de histórias
da Apae de
Rio Pardo**
Página 5

**O distrito no
limite com
Cachoeira
do Sul**
Página 6

**Figuras e
memórias
da Vila
Nova**
Página 8

**Filhos da
Tranqueira
Invicta pelo
mundo**
Página 16



Cleber Nascimento

ANTIGUIDADES

Coleção do Bar das Pedras

Estabelecimento é adornado com uma gama de objetos antigos reunidos pelo proprietário

Quem passa pelo trevo de Rio Pardo e segue pela Avenida dos Amaraes, vai encontrar logo na esquina com a Rua Miguel Mendes Ribeiro o Bar e Mercado Juli, de propriedade de Eloiir Gonçalves dos Santos, de 71 anos.

O local é conhecido como “Bar das Pedras”, e é muito popular na cidade. Para Santos isso é gratificante. “É um prazer. A gente sai por aí e todo mundo grita, todo mun-

do fala, todo mundo brinca. É o tipo de coisa que me deixa feliz”.

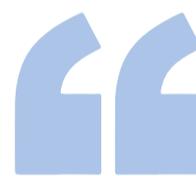
Eloiir Santos relembra durante a conversa a aventura que viveu em Porto Alegre, onde foi trabalhar ainda jovem. Após retornar ainda teve mais dois bares, um em Pantano e outro em Rio Pardo. Em 2000 comprou o terreno onde construiu a própria casa e o Bar das Pedras tocando a propriedade com a esposa Liane Terezinha Santos dos Santos.

Coleção de objetos antigos

O bar se tornou popular também devido a coleção de objetos antigos que Eloiir tem. Entre eles, rádios, televisores, máquinas de costura e fotográfica, canecos de chope e outros. No início comprava as peças, hoje também recebe doações. “Quanto mais juntava, mais me empolgava. Achava tudo lindo e que valia a pena”,

conta Santos, que ainda completa. “Tem coisas que só se vê no interior e se não faz assim não vê mais”.

Eloiir não lembra a primeira peça da coleção, mas dentre todas destaca um rádio com um detalhe interessante. “Isso aqui é um rádio e um toca disco. A gente nem imagina que vai ver uma coisa dessas”.



**“Não adianta hoje eu vender e amanhã já não ter mais dinheiro. Não tem dinheiro e nem o produto”
(Eloiir Gonçalves dos Santos)**

**Foi na lida campeira que nosso povo fez história.
Temos orgulho de fazer parte deste legado!**

Parabéns Rio Pardo, pelos seus 212 anos!



**Rações | Ferragens
Ferramentas | Grãos**

**Artigos para homem do campo.
☎ 99927 7016**

Pedidos para vender as peças são frequentes

Claro que as peças chamam a atenção e segundo Eloir Santos “todo mundo gosta”. Tem inclusive pessoas de outras cidades que vêm visitar o bar só porque ficam sabendo. Alguns querem comprar as peças, mas ele não vende de jeito nenhum. “Não adianta hoje eu vender e amanhã já não ter mais dinheiro. Não tem dinheiro e nem o produto”.

Para ele, todos os objetos são especiais e tudo tem o mesmo valor e prazer de jun-

tar. Inclusive ele frisa que se alguém tiver relíquias desse tipo em casa pode doar, que vai ser bem cuidado. “A gente vai guardar. Não vai vender e fazer dinheiro. Daqui um ano se passar por aqui vai ver que tá aqui”.

Se você passar pelo trevo e subir a Avenida dos Amaraes, dá uma paradinha no Bar e Mercado Juli, popularmente conhecido como Bar das Pedras e confira a coleção. Eloir terá prazer em lhe mostrar!



Realize
EMPRÉSTIMOS

Empréstimos para aposentados e pensionistas do INSS com taxas especiais

RE
Realize Empréstimos
51 99526 5624
Rua Senhor dos Passos, nº 392
Rio Pardo-RS

Parabéns, Rio Pardo, pelos 212 anos!

Temos muito orgulho em fazer parte do desenvolvimento econômico e social desta cidade que tão bem nos acolheu.



Crédito da foto: Cláudio Nascimento

GRUPO IMEC



SUPERMERCADOS



Parabéns,
Rio Pardo

7 de Outubro • 212 anos

Juntos, **cooperando por um mundo melhor**. Que a nossa parceira se estenda por muitos anos, promovendo os valores cooperativistas na região, para fomentar o desenvolvimento da comunidade.



Vem junto,
somos a Cresol

Cresol Rio Pardo
(51) 3731-3923 | (51) 99974-2979
R. Dr. João Pessoa, 650, Centro | Rio Pardo (RS)



*“A gente não quer só vender a planta. A gente quer que aquele cliente leve a plantinha, cuide dela e fique satisfeito com o resultado”
(Angélica Umann)*

Geison Pereira

Carinho com as flores passa pelas gerações

O cuidado com as plantas e a atenção especial com os clientes são marcas registradas da família

Angélica Umann criou em 2004 um viveiro de flores na localidade de Rincão del Rey, em Rio Pardo, passando a vender nos grupos de mulheres rurais. “Comecei com vontade de ter o meu lado profissional”, conta.

Angélica é casada com Edgar José Umann, e tem dois filhos: Eduardo José e Leonardo Umann. Ela passou também a vender na Feira Rural em Rio Pardo. Mas havia um problema: “Tinha a dificuldade de carregar as plantas. Daí eu tinha a vontade de expor meu produto sem precisar ficar carregando”.

Dessa forma, em 20 de julho de 2012 foi inaugura-

do então a Floricultura Bella Flor. Na época, Angélica já recebia a ajuda da nora Soeida de Barros Santos, que é também sócia no negócio. O viveiro no Rincão ficou com Eduardo, marido de Soeida. “Como a gente não ia dar conta, loja e produção, ele assumiu a produção”, conta ela.

O Viveiro Bella Flor recebe as mudas de São Paulo, que são transplantadas para vasos maiores recebendo irrigação até o ponto de dar flor. Angélica compara o processo atual com o início. “Tem muita tecnologia. Quando eu comecei a irrigação era manual”. Soeida complementa. “Tinha um berçário, semeava e esperava a mudinha crescer e aí transplantava. Hoje em

dia já vem pronto. Cada ano vão aparecendo coisas novas”.

O sonho da floricultura foi realizado, e depois houve a ampliação, mas sempre há sonhos para serem realizados. “A gente quer crescer ainda mais e fazer um produto com mais qualidade para os nossos clientes. Qualidade e preço justo”, fala Soeida.

Para Angélica “os clientes são mais que isso. São amigos”. Muitas pessoas chegam na loja, conversam, contam histórias, e desabafam. Soeida diz que isso é muito bom, e revela que muitos voltam para contar sobre a planta levada. “Cada pessoa que leva uma flor a gente vê que é uma terapia para ela. E depois elas vêm contar”.

Trabalho em família

O viveiro de flores criado por Angélica Umann cresceu e hoje a floricultura Bella Flor já é conhecida em Rio Pardo. O trato com o cliente é tido como diferencial: “A gente não quer só vender a planta. A gente quer que aquele cliente leve a plantinha, cuide dela e fique satisfeito com o resultado. Cuidar da plantinha e ser feliz com ela em casa”, fala Angélica.

O carinho pelas flores

ela já passou para os filhos e agora já percebe esse carinho em sua neta Giovanna Santos Umann, de 5 anos, que já acompanha a avó e a mãe Soeida, que se emociona. “Acho muito bonita essa história da Bella Flor, da família estar envolvida”. Importante frisar ainda que Marília Fernanda Umann, sobrinha de Angélica é colaboradora na loja e segundo a tia “é muito querida pelos clientes”.

Presente ideal

Angélica conta que nota um crescimento na venda de arranjos. Segundo ela, se você for convidado para um aniversário, formatura ou só quer dar algum presente, não tem como errar. “Ele cabe direitinho. Todo mundo gosta

de flor. Flor é energia, é vida”.

E ela ainda dá um conselho para os maridos que precisam fazer as pazes com a esposa após uma discussão. “Vai na Bella flor, dá um arranjo, dá um buquê que resolve tudo.”

212 anos do Berço do Rio Grande...
Parabéns Rio Pardo!

Floricultura Bella Flor - Rua Dr. João Pessoa, 638 - Rio Pardo/RS





HÁ 50 ANOS

Onde a diferença não existe

Apae completa cinco décadas de atendimento em Rio Pardo neste mês

Em 1971 Rio Pardo viu nascer, no dia 8 de outubro, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae). Neste ano a instituição completa 50 anos de atividades na Cidade Histórica. É ela quem mantém a Escola Especial Renascer, que foi criada oficialmente em 19 de janeiro de 2000. No mesmo ano as Apaes passaram por uma reformulação no Projeto Águia e hoje, do Oiapoque ao Chuí, todas funcionam com a mesma organização.

Esta organização rendeu o ISO 9001 e também o título de Instituição Filantrópica mais organizada do mundo. “Lá no Amazonas uma pessoa fala a mesma linguagem que usamos aqui no Sul. É a mesma filosofia de trabalho neste Brasil tão grande.”, conta a diretora da Escola Renascer, Catarina Borges Rodrigues.

A Apae é uma associação civil e filantrópica, trabalha com parcerias dos estados, municípios e da União, caminho pelo qual recebe valores do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb). Mas, se mantém de forma particular. O principal objetivo do projeto, que nasceu em 1954 no

Rio de Janeiro, é reunir pais, amigos e pessoas com deficiência na busca de excelência, referência no País e defesa dos direitos. A prestação de serviços hoje abrange 11 áreas que vão da captação de recursos até inclusão no mercado de trabalho, incluindo a autodefesa e a autodefensoria.

A associação mantém a Escola Renascer, que oferece ensino de qualidade de forma inclusiva, mas sempre priorizando a singularidade de cada aluno. A diretora explica que é oferecido a todos as mesmas bases para que tenham a oportunidade de aprender e desenvolver-se em todas as formas. Inclui a autogestão e a autodefesa. Isso possibilita que eles se tornem cidadãos atuantes na sociedade.

Antes da pandemia da Covid-19, a escola tinha 178 alunos. Hoje, aos poucos, eles estão retornando para as salas de aula. Seguindo todos os protocolos e com a vacinação avançando, o número vai crescendo diariamente.

Os estudantes são atendidos por uma equipe multidisciplinar, além das professoras que atuam nas salas, tem psicóloga, pedagoga estimula-

dora, fisioterapeuta, educação física, dança, futsal, yoga e projeto de música. Hoje o atendimento na Apae pode ser feito desde o primeiro mês de vida, com a estimulação precoce. Catarina explica que o encaminhamento da criança pode ser via atendimento de saúde ou até mesmo na busca dos pais. “Toda a comunidade pode usufruir dos serviços ofertados na instituição, desde a avaliação psicopedagógica, atendimentos técnicos e pedagógicos.”

A ideia é que os estudantes sejam incluídos na escola comum, mas, em casos que a adaptação não acontece, eles retornam para a Renascer e tem aulas ali. Até o terceiro ano do ensino fundamental e depois em formato de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em módulos. Outras atividades disponíveis são os grupos de convivência.

Catarina atua na Escola Renascer há 28 anos e se diz apaixonada pelo que faz. Num momento de descontração no intervalo das professoras o questionamento: como conviver com a diferença? A resposta foi uníssona, “Aqui não há diferenças. Diferentes são os outros.”



Escola começou em duas salas

A Escola Especial Renascer, antes mesmo de ter este nome, nasceu em duas salas que foram cedidas pela Sociedade Educacional Tranqueira Invicta Ltda. (Setil), escola técnica e particular, no ano de 1973. No local eram desenvolvidas atividades pedagógicas com cerca de 20 crianças. Trabalhavam uma professora, uma artesã e uma assisten-

te social. Em 1993 a escola recebeu a autorização para funcionamento da Secretaria Estadual da Educação e em 2000 foi batizada oficialmente com o nome que carrega até hoje. Antes era conhecida como Escola Especial de 1º Grau Incompleto. O endereço segue o mesmo, sempre no Centro da cidade, na Rua General Auto.



“Aqui não há diferenças. Diferentes são os outros.”

FRONTEIRAS DE RIO PARDO

Nos trilhos do quarto distrito

O Bexiga tinha potencial para se tornar cidade, mas hoje os moradores esperam serviços básicos

Fotos: Geilson Pereira



**“Se tu deixar R\$ 100 ali na frente do engenho, amanhã os R\$ 100 estarão ali”
(Rodrigo Müller)**

Quem viaja pelo interior de Rio Pardo encontra belas paisagens e muitas histórias prestes a se perderem com o tempo. Dessa vez nosso destino é o distrito de Bexiga onde o vai e vem dos trens movimentava a economia do local.

Nessa andança encontramos Othmar Müller, de 70 anos, e morador de Cachoeira do Sul. Conversamos em frente a um antigo engenho de arroz, que segundo ele pertencia ao avô Othmar Balduino Müller e Artur Lourenço Müller, e está desa-

tivado há mais de 15 anos. O engenho foi vendido e “com o tempo o gerente se aposentou e vendeu. E aí fechou”, conta Müller, que planta arroz e soja em Cachoeira. “Sempre plantei para o lado de Cachoeira. Vendia arroz aqui no engenho”, lembra. No local era beneficiado o arroz que era mandado para diversas capitais. O produto seguia pela linha férrea. Hoje o antigo engenho serve como depósito de sementes.

Aos poucos a situação começou a mudar. O arroz passou a ser levado até o destino final em caminhões. De trem

a coisa era diferente. “Levava quase um dia até Porto Alegre. Ficava mais um dia para embarcar nos navios. Levava mais não sei quantos dias para chegar no destino. Então se tornava tudo mais demorado”, conta Müller.

Ele lembra ainda que no Bexiga tinha uma fábrica de materiais agrícolas, dos Irmãos Cauduro, que mandava pás, arados e outros implementos para várias cidades. A falta de estrutura na localidade fez com que tudo mudasse. “Não tinha luz elétrica e eles tiveram que ir embora”, lamenta.

Parabéns Rio Pardo,
pelo seus 212 anos!

TIAGO MELLO
Secretário do Turismo, Cultura,
Juventude, Esporte e Lazer

@esectiagomello /tiagomello
sectiagomello@gmail.com

Parabéns Rio Pardo!
Sua história permanece
viva no coração de todos
os gaúchos. Tenho orgulho
em carregar no peito
a herança deste grande
legado!

Rio Pardo
212 anos

Vereador
Alemão da Caixa
PSDB
PELO BRASIL

CÂMARA MUNICIPAL
DE RIO PARDO
TRIBUNA
VER. JOSE AGRIPIO PANTA DO RÉGO

Distrito mais cachoeirense do que rio-pardense

O filho de Othmar, Rodrigo Müller, participa da conversa e diz que o distrito é excelente, tranquilo e só tem um problema: “Não tem emprego”. Ele trabalha com o pai na lavoura e mora no Bexiga, mas tem como município de referência Cachoeira, indo a Rio Pardo poucas vezes no ano. Já em Cachoeira diz que “vai toda semana”.

Rodrigo Müller é pai de Matheus, de 10 anos, que segundo ele não quer sair dali. O pequeno brinca com o pri-

mo Rafael, de 6 anos, enquanto o pai lembra de como era o local na época do movimento, quando o trem ainda passava com frequência e o engenho de arroz funcionava. “Era como qualquer cidade. Tinha briga, assalto, roubo”. E encerra dizendo que, embora hoje a situação no Bexiga seja complicada para trabalhadores, um ponto positivo deve ser levado em conta. “Se tu deixar R\$ 100 ali na frente do engenho, amanhã os R\$ 100 estarão ali”.



Moradores pedem serviços

Rosane Machado, de 50 anos, também cita a calma do lugar, mas faz uma ressalva. “Aqui é calmo, mas precisava de policiamento, mais atenção na saúde. Luminárias na rua também estão ruins”. Rosane diz que a comunidade recebe o atendimento de serviços essenciais. “Vem médica, vacinas e tem recolhimento de lixo”. Nossa conversa acontece no antigo presídio, que fica em terras da família. Rosane conta outra curiosidade. “Aqui tinha um motor que gerava luz pra vila, era ligado às 18 horas e desligado às 22 horas. O responsável era o Marcirio Naujorks, que

faleceu recentemente”.

Ela lembra que antigamente tinha salão de baile, engenho e cartório. Em Cachoeira do Sul encontra serviços básicos, mas não deixa de ir até o centro da Cidade Histórica. “Rio Pardo é bem longe, mas se precisa tem que ir.” Rosane mora na localidade, onde também residem a filha e as duas netas, e é vizinha da mãe Ivone Freitas Machado, de 70 anos, que logo diz: “Daqui não vou sair”. Com saudade, ela lembra que no quarto distrito é bem complicado comprar coisas básicas. “Não tem onde comprar um paracetamol”.

Caminhões vêm de Vera Cruz e vendem mantimentos na localidade. É quando o rancho do mês é feito. “É um pouco careiro mas resolve”, se resigna ela.

Ivone lembra ainda que os jovens foram saindo da localidade. Além de Rosane ela tem outros dois filhos, um mora em Sapucaia do Sul e o outro em Rio Pardo. O transporte até o Bexiga também complica a ida à Rio Pardo, afinal tem ônibus que vai para o Centro de manhã cedo e volta antes do meio-dia. “Se ficar para voltar de tarde tem que pagar um táxi”, pontua Ivone.

Potencial para virar cidade

Ivone, com a sabedoria na flor dos 70 anos, crava que Bexiga tinha tudo para virar uma cidade. “Aqui tinha mais coisas que o Pantano”, compara. Hoje a comunidade tem medo até de fechar a escola Andrade Neves.

Para encerrar nossa conversa, que é acompanhada de pães e biscoitos recém saídos do forno, Ivone conta uma história curiosa ao lembrar que nos bailes de antigamente havia a divisão entre

os negros e os brancos. Cada um fazia o baile em um salão. “Uma vez meu marido, na época meu namorado, veio do quartel queimado do sol, e não deixaram ele entrar no salão dos brancos”.

Histórias do interior de Rio Pardo. Mais precisamente, do quarto distrito do Bexiga, que já teve potencial para se tornar uma cidade, mas hoje guarda as relíquias contadas pelos moradores.



A VILA É 10



Geilson Pereira

Para sempre Vila Nova

O bairro que leva o nome da padroeira de Rio Pardo guarda belas histórias de um povo apaixonado pelo seu chão

Falar sobre o Bairro Nossa Senhora do Rosário é mergulhar numa rica história construída pelos moradores através dos anos desde o tempo em que a Vila Nossa Senhora do Rosário foi criada pelo poder público. No local havia um grande túnel verde e muito mato e servia para criação de cavalos e cabritos, sendo chamado de Potreiro de Nossa Senhora.

Com o aumento da população nasceu o bairro, mas ainda não havia água encaçada e rede de iluminação

pública. As pessoas buscavam água atrás do cemitério numa cacimba. Mais tarde a comunidade era abastecida por pipas puxadas por burros.

Assim, essa vila nova foi crescendo ao longo dos anos. Aderli da Silva, de 77 anos, nos conta como era o local. “O bairro era só eucalipto, não tinha casa”, lembrando ainda que tinha um salão de baile que depois virou a escola. Seu Lili, como era conhecido veio da localidade do Bexiga e tem um bar há 50 anos no Bairro Nossa Senhora do Rosário, e

nos conta como é morar na “Vila”. “É ótimo. Não tem melhor. Com 50 anos de bar eu não tenho inimigo”.

Pai de três filhos, entre eles Michele que o ajuda no bar, seu Lili recorda que o movimento do estabelecimento já foi muito maior, porém com o fechamento do Frigorífico Três C, a situação mudou. “Quando o Três C fechou, caiu o movimento do bar. Eu vendia no fim de ano 30 engradados de cerveja, hoje não vendo uma caixa”, lamenta.

O bairro na época do Três C

O frigorífico é sem dúvida nenhuma, um dos símbolos do bairro. Muitos dos habitantes da Vila Nova trabalharam lá e sustentaram as famílias. Paulo Sidnei dos Santos trabalhou de 1975 até 1986 quando o nome era Cooperativa Pastoril Rio Pardo Ltda. Segundo ele, “era o tempo das vacas gordas, pois o bairro era movimentado e todo mundo trabalhava”.

O fechamento do frigorífico significou uma debandada de trabalhadores para outras cidades. “Aqui no nosso bairro tem uma mão de obra profissional em matéria de frigorífico”, fala Santos que ainda encerra lembrando o estado de deterioração do prédio. “Eu não vou ali. Fico nervoso quando vejo aquilo ali. O que eu adquiri foi trabalhando ali”.

Elisabeth Machado Vargas também trabalhou na Pastoril. Ela fala sobre esse período. “O povo ia fazer compra e só voltavam de táxi. Era dinheiro que rolava”. Hoje os bons tempos ficaram na lembrança, e o sentimento é outro ao passar pelo prédio. “Uma tristeza. Toda vez que vou lá fico triste”. Para ela “A cidade tá parada. Igual a Pastoril e o Três C não tem”.

O frigorífico mudou de nome e passou a se chamar Três C. Gilberto Castelar de Moura Machado, irmão de Elisabeth, trabalhou nesse período. “Eu tenho um casal de filhos. Saía de casa pra trabalhar eles estavam dormindo. Voltava eles estavam dormindo”, conta. Machado complementa dizendo que apesar

de ter muito trabalho valia a pena. “Era bom. Movimentava a cidade, todo mundo comprava à vista, comia churrasco. O bairro ia estar muito mais fortalecido”.

Sem o frigorífico a mão de obra especializada ficou sem serviço na cidade. “O Três C foi uma faculdade. Em toda a região do estado tem trabalhador que saiu daqui”, encerra.

O problema é que apesar de anos de dedicação ao emprego, o fim não foi como Machado esperava, já que ele e tantos outros funcionários não receberam todos os direitos trabalhistas. “Dei o meu suor trabalhando ali, e hoje não temos direitos”, lamenta.

Para resolver a situação, ex-trabalhadores do Três C fizeram casas no loteamento em terras que pertencem ao frigorífico. Machado aguarda regularização, e abastecimento de água e luz. “A gente está mercê não sei de quem”, diz antes de expressar o sentimento. “É um sentimento de vergonha por não ter pessoas que não deixasse (o prédio) ficar como tá”.

Tristeza é mesmo o sentimento de todos que ali trabalharam, como Luciana de Sousa Rodrigues. “Dá uma tristeza. Penso em quantas famílias que saíram sem receber. Muitos tiveram uma vida ali”. Ela recebeu os direitos, pois saiu antes do fechamento do Três C, e se recorda que apesar de muito trabalho, o salário compensava. “A gente entrava de manhã e saía de noite. Foi uma época boa a gente recebia direitinho”.



O fechamento do frigorífico significou uma debandada de trabalhadores para outras cidades



- ✓ VIANDAS
 - ✓ PRATO FEITO
 - ✓ MARMITEX
 - ✓ TORTAS
 - ✓ LANCHES
 - ✓ PIZZAS
- (PIZZAS NAS QUARTAS, SEXTAS E SÁBADOS)

AV. BOM FIM, 329
RIO PARDO/RS

Aceitamos cartão e Pix!

Comidas Caseiras & Sobremesas



TELE-ENTREGA: 3731 6300
99911 1714 / 99903 5059



Cleber Nascimento

Pastoril x Olaria, rivalidade nos gramados

Importante dizer que muitos trabalhadores do bairro passaram pela Olaria Kipper. Aos 9 anos seu Lili era o chamado bocha, que levava água para os trabalhadores. Paulo Valdemar França, compara o fechamento da olaria com o do frigorífico. “Teve o mesmo impacto”

A Olaria deixou saudades também, pois um time foi formado por funcionários em 1963. Paulo França recorda que “no início as viagens do time para os jogos eram de caminhão”. Aos poucos o Olaria passou a ser reconhecido e temido. “Nós tínhamos o campo da Baixada da Vila onde a gente era praticamente imbatível. Quem vinha ali dificilmente ganhava de nós”, se gaba França.

Enio Zambarda, o popular Grilo, já falecido, é um dos dirigentes mais lembrados. Com uma visão mais profissional levou o Olaria a disputar competições pelo Estado, como o campeonato amador. Paulo Sidnei dos Santos nunca jogou, mas sempre estava nos jogos do Olaria. Inclui-se em situações embaraçosas como na vez que houve um desentendimento com o pessoal do Pinheiros de Taquari em Rio Pardo. O problema foi quando eles foram assistir o jogo de outro rival naquela cidade. “O Grilo queria ir pra ver o outro time que ia ser nosso adversário. Quando descobriram a gente lá tivemos que sair correndo”.

Santos trabalhou no frigorífico e lá um time de futebol

também foi montado. O Pastoril foi criado por um fiscal mineiro que veio de São Gabriel para Rio Pardo. Paulo França diz “o Pastoril já nasceu amador, afinal o Três C tinha dinheiro, né?”

Foram três clubes no frigorífico: o Atlético Pastoril, o União Pastoril e o Três C. Com tantas lembranças do tempo que a bola rolava pelos campos da vila, seu Lili conta que o bar era sede do Olaria, time em que jogou. Mas ele teve passagem também pelo Pastoril. Paulo França, que hoje coordena a Escolinha Craque e foi jogador do Olaria, vai além falando da importância do esporte para o local. “Eu acredito que nós do esporte ajudamos a humanizar esse bairro”.



Foram três clubes no frigorífico: o Atlético Pastoril, o União Pastoril e o Três C



A equipe da Lojas Colombo de Rio Pardo deseja que venham mais anos ao lado da nossa cidade e dos nossos amigos.

Parabéns Rio Pardo
212 anos | 7 de outubro

Visite a nossa loja, este mês estamos com muitas ofertas e promoções especiais.

Chama no Whats:

800 642 4242

Lojas Colombo | Rio Pardo
Centro, Rua Andrade Neves, 448,
Rio Pardo - RS | (51) 3731-1601



O esporte na Vila hoje

Não só de Olaria e Pastorel vivia o futebol no Bairro Rosário. Times como Rosário, Mege, Black Boys e Santa Rita também fizeram história. Paulo Sidnei dos Santos diz que hoje já não é mais como antes. “Com o fim do frigorífico parou bastante”.

O consenso é que há muitas divergências. “Na época do Olaria, a gurizada daqui jogava aqui”, fala Paulo França que complementa. “A gurizada não tem apego aos times do bairro. Eles acham bonito jogar fora”.

Jean Munhoz é pesquisador da história do espor-

te rio-pardense. Ele diz ter encontrado registros em um jornal de um time do bairro lá dos anos 50: Era o Grêmio Esportivo Gaúcho “Mas esse é o único registro que tem desse time”, ressalva Munhoz

Nas pesquisas encontrou muita história dos times locais. “O Três C foi tetracampeão do praiano. Tinha o Rosário nos anos 80, que foi bicampeão de futsal”, conta ao lembrar times não tão conhecidos como o Unidos da Ponte e o Zaires.

Na luta desde 2015 com o Ajax, Munhoz fala da principal dificuldade. “O bolso.

Sempre vai ser. A gente quer manter vivo o esporte, mas se não tem ajuda não tem como manter”.

O Ajax faz um trabalho com as categorias de base, onde já conquistou cinco títulos. Vale frisar que o adulto tem um Praiano. Porém, a falta de investimento é sempre uma barreira a ser vencida. “Falta incentivo maior dos órgãos públicos. Não temos uma quadra em condições e nem um campo de futebol”. Apesar de muitos gastos, o amor ao futebol o faz seguir. “É para quem gosta. Se tu não gosta, não vai”.



Divulgação

Legendárias

Hoje o Bairro Rosário conta com uma equipe feminina que vem ganhando notoriedade, a Legendárias, que existe desde novembro de 2017. Segundo a educadora física Monique Carvalho Bitencourt “no início a Legendárias tinha como intuito ser apenas um projeto de futsal feminino, buscando valorizar a modalidade e gerar oportunidades às participantes, mas após um ano, comecei a me dedicar em implantar um projeto que rabisquei quando era acadêmica na Universidade de Santa Cruz do Sul”.

Esse projeto consistia em implantar uma escola de esportes no Município de Rio Pardo. Sendo assim, por um tempo, a Legendárias fez parte da Escola de Esportes Bitencourt, em que foi incluído o futebol de campo 11 feminino com o objetivo ainda de ter outras modalidades, tanto para o público feminino como masculino. “Mas após um período, sem apoio e sem recursos ficou inviável incluir outras modalidades, o foco voltou então para as modalidades femininas já em atividade”, explica a coordenadora da equipe.

Em janeiro de 2021 o clu-

be se tornou uma associação sem fins lucrativos denominada Clube Esportivo, Cultural, Social e Recreativo Legendárias. “O objetivo é além de ter uma equipe profissional de futsal feminino, abranger a prática de diversas outras modalidades e levar a vários locais do nosso município em forma de oficinas ou projetos sociais”, diz Monique.

O sonho de Monique é deixar um legado no futsal e futebol 11 feminino para Rio Pardo e região. Indagada sobre o esporte na vila, ela fala. “A Vila Nova sempre foi um local berço de atletas, pois vive nas crianças a vontade de vencer na vida, de ser cantor, de ser jogador de futebol, de dar um futuro melhor a si e aos seus, só pelo simples fato que se dizia há muito tempo que quem é da Vila Nova nunca seria ninguém na vida, mas aqui as crianças brincam na rua, jogam futebol na cancha, elas correm, andam de bicicleta, andam a cavalo, convivem com os vizinhos e convivem com as diferenças, só necessitamos de mais cuidado, investimento com os locais e com as políticas voltadas ao esporte, pois só uma andorinha não faz verão”.



Divulgação

Outubro Rosa

Durante todo o mês estaremos com uma programação intensa voltada ao Outubro Rosa. Você é nosso(a) convidado(a) especial para fazer parte deste movimento de conscientização na prevenção ao câncer de mama!

Participe!

REALIZAÇÃO:
Liga de Combate ao Câncer, AABB Comunidade, Sec. Mun. de Saúde, Sec. Mun. de Trabalho, Cidadania e Assistência Social e Rádio Rio Pardo.

PATROCÍNIO: Gas Fred, Rios Clínica, CRESOL, Feminício F



Hoje o Bairro Rosário conta com uma equipe feminina que vem ganhando notoriedade

Acompanhe nossas redes sociais!

RÁDIO RIO PARDO 103,5

<http://www.gaz.com.br/>

gerencia@radioriopardo.com.br

[riopardofm103.5](https://www.facebook.com/riopardofm103.5)

[@riopardofm103.5](https://www.instagram.com/riopardofm103.5)

☎ 995 55 07 90

Rua Andrade Neves, 431, sala 202 - Centro, Rio Pardo/RS - Fone ☎ 3731 1390

O som da Vila

O salão onde hoje funciona o Stúdio 10, um dia já foi Lanterna Verde. Em outros tempos era o local onde o time do Olaria realizava os eventos. Ana Zeli Zambarda, hoje com 70 anos, aluga o espaço há 20 anos. A ideia veio em uma conversa com o irmão Enio Zambarda, o Grilo, no tempo em que ela trabalhava no salão. “Um dia estava tudo parado eu disse para o meu irmão: quem sabe eu tomo conta do Stúdio 10 para fazer umas festas?”

Um dos primeiros desafios de Zeli? Mudar a imagem do local. “Antigamente era muito mal falado porque dava muita briga. Mas agora é muito tranquilo”. Hoje vem gente de tudo que é lugar, não só de Rio Pardo, mas cidades vizinhas também. Claro que rola algum atrito às vezes, mas ela controla a situação. “Sempre tem discórdias. Isso tem em todo lugar, Mas, a gente contorna da melhor maneira”

O trabalho que Zeli faz no

Stúdio 10 ajuda muitas pessoas. Tampinhas e garrafas são juntadas e doadas para ajudar quem recicla. Tem sempre um para varrer, e para fazer limpeza. E ela ainda tem uma maneira de ajudar quem está passando por necessidades. “Se tem uma família que precisa, eu dou a portaria. É um meio que eu tenho para poder ajudar”, diz completando. “Isso aqui não é só para mim. Eu trabalho, minhas filhas trabalham, meus netos trabalham”.



Cleber Nascimento

Escola Pedro Borba

Para instrução das crianças, o Município alugou uma casa composta de três salas para ensinar as primeiras letras. Foi criado oficialmente em 1954 com o nome de Grupo Escolar de Vila Nossa Senhora. Em 1955 passou a ser o Grupo Escolar Pedro Alexandrino de Borba. No ano de 2001 passou a ter a nomenclatura de Escola Estadual de Ensino Fundamental Pedro Alexandrino de Borba.

Diretora desde 2019, Laiz Mari Hernandez Schumacher encontrou muitas dificuldades.

“Foi uma gestão muito difícil. Eu peguei um ano de gestora com todos os alunos e a gente fez coisas incríveis”, diz comentando que a pandemia impediu a realização de muitas coisas. Com a nova realidade foi preciso se adaptar. “Mas o esforço valeu a pena. A gente teve esse aprendizado e se reinventou”.

A escola conta atualmente com 23 professores, nove funcionários e 257 alunos distribuídos em turmas nos turnos da manhã e tarde. A proposta filosófica visa o “desenvolvimento crítico, reflexivo, sendo

o educando agente da própria educação, ao mesmo tempo acreditando na capacidade e sendo preparado para agir de forma otimista modificando a realidade”.

Professora há 14 anos na escola, Laiz também comenta sobre ter que se preparar para desafios como o enfrentado pelos professores da escola nos últimos anos “Tudo que tu aprendes só traz benefícios para ti”. No dia 26 de novembro a escola completa 67 anos, sempre com o papel de transformadora social.



Cleber Nascimento

PróVida
SERVIÇOS ASSISTENCIAIS

serviços ←

- ⊕ Policlínicas integradas;
- ⊕ Mais de 30 de especialidades médicas;
- ⊕ Mais de 10 de especialidades não-médicas;
- ⊕ Aplicativo PróVida;
- ⊕ Rede conveniada de descontos;
- ⊕ Remoção de pacientes em ambulância;
- ⊕ UTI móvel 24 horas;
- ⊕ Transporte de apoio;
- ⊕ Empréstimo de equipamentos médicos e de reabilitação; **60 dias grátis**
- ⊕ Odontologia;
- ⊕ Exames laboratoriais e de imagem;
- ⊕ Serviços de enfermagem;
- ⊕ Atendimento domiciliar em diversas áreas;
- ⊕ Assistência Funeral.

CONHEÇA A NOVA PRÓVIDA 24 HORAS!

Onde você estiver, no horário em que precisar!

Rua: Adolfo Pritsch, 283 - Rio Pardo (51) 3731-3574 0800 007 9095
@assistencialprovida /providaservicosassistenciais PróVida Serviços Assistenciais e Medicina do Trabalho
www.provida.med.br

ALÔ AMIZADE!

Espetinho do **Digão**
CHURRASQUEIRIA DA AMIZADE

SOMENTE SÁBADOS E DOMINGOS POR ENCOMENDA!

51 99916 9008

TEMOS TELE-ENTREGA

CHURRASQUINHO DE 2ª a 6ª

GALETO (COXA E SOBRECORA)

COSTELA ASSADA

MAIONESE CASEIRA

AMIGA
CENTRO DE ENSINO
RIO PARDO - RS

@amigarp
@amigariopardo

FACULDADE E PÓS-GRADUAÇÃO

CURSOS TÉCNICOS EAD

CURSOS PROFISSIONALIZANTES

EJA EAD

Rua São João, 462 - Centro, Rio Pardo/RS
Fone/Whatsapp: (51) 98595-3755

UniCesumar
GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA

@unicesumarriopardors
@unicesumar.riopardo

O MC dos Vales

Fábio Luis Gomes da Luz, 37 anos, nascido no Rio de Janeiro, e criado em Rio Pardo é considerado o primeiro MC da cidade. Ele fala de seu início. “No dia em que teve um show no calçadão no aniversário de Rio Pardo. Eu gostei e as pessoas me incentivaram”.

MC e rapper desde 2002, dançando em matinês como bboy e representando a cultura Hip Hop, em 2003 teve o próprio grupo Facção Vila Nova. Logo após ter concluído uma experiência com o grupo, foi convidado para participar da banda Tribo da Lua, onde gravou a música Fome, fazendo shows pela região dos Vales do Rio Pardo e Taquari e pelo litoral gaúcho.

MC dos Vales, como é chamado, foi criador do primeiro verão Hip Hop da 16ª Festa do Peixe, em fevereiro de 2011, na Praia dos Ingaizeiros, e um dos realizadores do Hip Hop Solidário, que aconteceu dia 15 de maio

deste ano na Cidade Histórica. Em 2011 lançou o primeiro álbum solo, o MC dos Vales. Ativista e militante do Hip Hop dos Vales do Rio Pardo e Taquari, teve como objetivo organizar e produzir a semana municipal do Hip Hop de Rio Pardo em 2012 e 2014

Sobre a importância do hip hop para o bairro, MC dos Vales pede mais espaço. “Que possa ter o lado social com a juventude, ter oficinas, atividades para o jovem. Deveria ter mais espaço para o Hip Hop”.

Com o anúncio da criação do primeiro Museu do Hip Hop em Porto Alegre, MC dos Vales foi escolhido para ser o embaixador da cidade de Rio Pardo. “É gratificante. A história do Hip Hop vai ser contada lá. Vai ter um espaço só para os rio-pardenses. A história vai ficar lá para os nossos filhos e nossos netos”, pontua o primeiro MC de Rio Pardo.



Divulgação

Uma biblioteca no Bairro Rosário

Paulo Roberto de Oliveira Campos, 54 anos, criou a biblioteca pública em 2018. A inspiração partiu da cunhada, que mora no Bairro Restinga, em Porto Alegre e tem um projeto chamado Bibliobike. Como ficou temeroso de perder material, Campos adaptou a ideia. “Aí pensei em ter um espaço físico para ter um material separado e eu ter maior controle”.

Hoje são ao todo 2508 livros cadastrados. As publicações são variadas e chegam até a biblioteca por meio de doações. Com o espaço físico já em funcionamento, Paulo Campos quer dar mais um passo. “A divulgação sempre existiu. Devido a pandemia me foquei em ter este espaço, e os livros organizados. Então agora a próxima etapa é buscar os leitores”.

As retiradas ainda estão muito devagar, mas ele espera através de uma parceria au-

mentar a procura pelos livros. “Estou buscando apoio das creches, que pelo que acompanho em redes sociais, tem feito um trabalho em cima de livros para crianças. Então acredito que vai vir uma nova era com procura grande de livros”.

Campos diz que sentiu a necessidade de fazer um trabalho para a comunidade e possibilitou que conhecesse diversos autores da cidade. “Isso está me levando a um conhecimento enorme de autores, inclusive de Rio Pardo”. A biblioteca já tem projetor e tela para fazer as pessoas se interessarem pela leitura. Uma ideia ousada ainda está em fase inicial de desenvolvimento e diz respeito a uma Casa de Cultura no Balneário Areal, com jogos, livros e os aparelhos para ver filmes “Eu já dei uma pequena iniciada, mas devido a pandemia isso me restringiu”.



Hoje são ao todo 2508 livros cadastrados. As publicações são variadas e chegam até a biblioteca por meio de doações

NASCEMOS AQUI, NESTA CIDADE QUE TANTO AMAMOS.

Parabéns Rio Pardo!

Uma homenagem da **Bistex Alimentos** aos **212 anos** da cidade de **Rio Pardo**.

Bistex
Sempre Gostoso!

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.

LOCAL TEM UM LIVRO QUERENDO SER LIDO. EMBARQUE NESTA VIAGEM. APOS REALIZAR A LEITURA DÊ QUE ELE SEJA SUA VIAGEM.

ACÇÕES, EMPRESTIMO DE LIVROS E CONTATO:
Rua São Manoel nº 127,
Bairro Nossa Senhora do Rosário - Rio Pardo - RS
Fone: Whats App (51) 998312966.
Organizador:
Paulo Roberto Oliveira de Campos
E-mail: paulo.oliveira.campos@hotmail.com

LIBRERIA
RUA SÃO MANOEL Nº 127
LARGA VITÓRIA NA PRIMA DE CONARABO DE
LONDRA - PALESTINA DE BRUJAS
LONDRA - PALESTINA DE BRUJAS

Cleber Nascimento

A vila da Realeza

Uma comunidade alegre, festeira e apaixonada por seu bairro também marca presença no Carnaval. E o povo da Vila sempre foi carnavalesco. No bairro tinha as escolas de samba Farrapos, Namorados do Caribe e Black Boys. Zélia Leal conta uma travessura de infância. “Eu quando era pequena fugia da mamãe para ir no Carnaval”.

Um dia o tio Osório, presidente dos Black Boys, revelou que não tinha mais condições de seguir com a escola. Passou o bastão para Zélia, os irmãos e os primos. Mas tinha um porém: o nome Black Boys não poderia ser usado. “E foi assim que eu, o João e o Amaro trouxemos os tambores para cá e assim nasceu a Realeza”, relembra Zélia.

No dia 20 de dezembro de 1989 foi fundada oficialmente a Realeza da Vila. Zélia fala sobre o que a escola representa para o bairro. “Uma identidade perdida. Uma identidade que nós tivemos nos grandes carnavais, quando tinham grandes empresas dentro da

Vila, quando tinha grandes times de futebol como o Olaria e tudo isso foi se perdendo”. E ela vai além. “Não se falava mais em Vila, só se falava na página policial”

A Realeza foi ganhando a simpatia não só do povo do bairro, mas de Rio Pardo inteiro. Mostrar coisas locais é uma das marcas registradas da escola. Só assim é possível resgatar essa identidade do Bairro Rosário “Identidade de pessoas guerreiras, lutadoras, de trabalhadores que fazem o dia a dia e lutam para que os filhos tenham uma faculdade”, diz Zélia.

Outro aspecto comum na Realeza é trazer a religiosidade, e as crenças. E claro sempre chamar a atenção para problemas ambientais. Porque como Zélia Leal disse “cada ser humano tem a possibilidade de fazer algo pequeno, mas que se torna algo maior”. Dessa forma é preciso usar a voz para que possamos fazer diferença na sociedade.

Com tantos títulos, a lembrança com emoção do pri-



Gelson Pereira

meiro no grupo especial, que foi conquistado em 1997 com o enredo “O lado fascinante do verso do dia”. Entre os momentos especiais, o Carnaval de 2002, o primeiro sem o pai e o próximo que será o primeiro sem a mãe. E a guerreira Zélia segue firme à frente da Realeza contando a história do povo para que não se perca jamais. “Nós temos um passado, um presente, e nós temos um futuro, e um mundo que nos oferece isso”, encerra.



A Realeza foi ganhando a simpatia não só do povo do bairro, mas de Rio Pardo inteiro



de histórias e lembranças!

PARA OS PRÓXIMOS 212 ANOS, QUE RIO PARDO SEJA UMA CIDADE DE PESSOAS FELIZES, DE DESENVOLVIMENTO E SAÚDE PARA TODOS.

FELIZ ANIVERSÁRIO, CIDADE HISTÓRICA.

Rio Pardo, uma feliz cidade para se viver!



O Balneário Areal

Enquanto o sonho da casa de cultura não se realiza, Paulo Campos fala sobre como é passar uns dias no Areal. Segundo ele, o local é de fácil acesso mas falta estrutura. “Com pouca coisa lá já se consegue deixar o local adequado para o fim de semana”.

Após as águas da enchente baixarem, pudemos ir até o balneário e conversamos com o pescador Gilberto Gonçalves Alves. Para ele o lugar é tranquilo. “Eu fico um ou dois dias, pesco e depois vou levar o peixe”. Ele

conta que no momento “Está dando bastante pintado”.

Já Iracema Carvalho Machado, casada e com dois filhos, vai com a família para o Areal no fim de semana. “A gente tem sossego, não tem barulho”. Os vizinhos se conhecem e vivem em harmonia. O problema mesmo é a estrutura já que falta água encanada e outras coisas. “A gente pensava até em banheiros. Quem vai acampar não tem banheiro”, reclama Iracema que completa dizendo que nem todos juntam o lixo. E ainda lamenta. “Está esque-

cida nossa prainha. É uma dificuldade a gente conseguir uma limpeza”.

O marido de Iracema, Paulo Neltair Moura Machado, trabalha no setor de manutenção do hospital. Ele cita outro aspecto positivo do Areal. “Eu gosto da natureza e de estar na beira da água”. Paulo Neltair diz ter entre 15 a 20 casas e todo mundo se dá bem. “Para gente que tem dificuldade de ir em uma praia de mar, é uma maravilha. Sexta-feira eu vou pra lá e volto domingo de noite com a cabeça aliviada”.



Cleber Nascimento

*Parabéns pelo legado de amor e luta
que deixaste no coração do povo gaúcho!
Parabéns Cidade Histórica, berço do
Rio Grande do Sul!*

Rio Pardo, 212 anos
07 outubro, 2021



FELIPE PEREIRA
CORRESPONDENTE CAIXA

Cedaior
IMÓVEIS

CRECI 12623

Rua Andrade Neves, 386 - Rio Pardo, RS

PLANTÃO:

55 98594 5157

55 98594 5155

55 99543 0180

HÁ MAIS DE

40
anos

realizando
sonhos

A vila é 10

As ruas do Bairro Rosário têm nomes de santos: São Miguel, Santo Antônio, Santo Onofre, São Manoel, São Pedro, São José, São Paulo, São Nicolau, São Marcos e Santo Amaro. Mas a Vila começa na Avenida Bonfim. E foi enquanto marchava nessa avenida que o seu Lili contou ter recebido a notícia do suicídio de Getúlio Vargas.

Andar pela vila e conversar com os moradores, é descobrir histórias interessantes como a “pelada” disputada entre os negros contra os brancos. Em uma conversa de bar descobrimos que o bisavô do Jean Pyerre, meia do Grêmio, morou no bairro. Nessa mesma conversa ouvimos sobre o melhor meio campo do Olaria formado por Beijo, Volmar e Carrasco.

Nessas conversas lamentamos que as duas empresas que movimentaram o bairro não existam mais. Da olaria restou a chaminé, e do Três C um prédio que está se deteriorando. Ah e claro, a curiosidade em saber porque leões eram mantidos em cativeiro na entrada do frigorífico.

Quando Zélia Leal fala em resgate da identidade, não é só uma frase bonita usada à toa. Afinal se por um período a vila era mal falada, hoje essas pessoas que habitam o bairro conseguiram mudar essa imagem. Quando a Rea-

leza levanta a Avenida Maria da Glória, o recado é dado e todos se rendem à alegria da vila.

Mas por que a Vila é 10? Para Zélia Leal, “Ela sempre luta para ser 10. As pessoas querem mudar a história, fazer um gol na vida. Nós temos raízes, nós temos histórias, e a Vila é 10 porque ela foi uma das vilas mais maravilhosas e marcantes da história de Rio Pardo”. A simpática Zeli Zambarda também responde à pergunta. Para ela a vila é dez “Porque é tudo muito bom. Vem o doutor, vem o dentista, vem o advogado, vem tudo que é tipo de gente”.

O responsável pela biblioteca comunitária Paulo Campos fala que o pessoal do bairro é amigo. “Pela humanidade das pessoas. Sempre que alguém passa por uma necessidade a comunidade sempre abraçou”. As respostas são variadas e dependem do sentimento de cada um. Do menino que joga bola na cancha, do doutor que estudou na Escola Pedro Borba ou da criança que vai fazer a diferença amanhã, mas que ainda brinca na Emei Rosário.

Por fim você mesmo deve ir até o local e descobrir a resposta. O importante é conhecer as histórias do bairro de nome Nossa Senhora do Rosário, mas que você pode chamar de Vila Nova. Sempre!

quem foi?

Ramiz Galvão

Benjamin Franklin Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz, nasceu em Rio Pardo no dia 16 de junho de 1846. Filho de João Galvão e Maria Joana Ramiz Galvão, se mudou para o Rio de Janeiro aos 6 anos de idade. Após o estudo primário, fez gratuitamente a instrução secundária no Colégio Pedro II, para isso teve apoio do próprio Imperador. Se formou bacharel em Letras em 1861, aos 19 anos já escreveu o primeiro livro, O púlpito no Brasil (1867). Em 1868 se tornou médico, inicialmente atuando no Hospital Militar da Ponta da Armação. Depois ainda assumiu funções de professor.

O Barão era amigo íntimo de Dom Pedro II desde a escola. Chegou a atuar como preceptor dos prínci-

pes imperiais, netos do imperador e filhos do Conde d’Eu. Ocupou cargos importantes tanto no Império, quanto na República. Recebeu o título de Barão de Ramiz em 18 de junho de 1888. Dirigiua Biblioteca Nacional, foi diretor-geral da Instrução Pública do Distrito Federal e foi o primeiro reitor da Universidade do Brasil. Ramiz Galvão entrou para a Academia Brasileira de Letras em 1928, aos 82 anos, sendo o segundo ocupante da cadeira 32. Fez parte da Comissão do Dicionário (1928), da Comissão de Gramática (1929) e foi presidente da Academia (1934). Faleceu em 9 de março de 1938.

Fonte: Academia Brasileira de Letras
<https://www.academia.org.br/>

Você já ouviu falar da

Delta Arquitetura e Engenharia ?



A Delta uma empresa familiar que iniciou suas atividades há dois anos, e tem como sócias as irmãs Fernanda (administradora da empresa) e Betina Souza Rodrigues (Engenheira) e tem como missão realizar obras e empreendimentos imobiliários com qualidade e soluções inovadoras, prezando pela melhoria contínua de projetos e processos, e priorizando a satisfação dos seus clientes.

A Delta além de construir os sonhos, mostra pro cliente, através de projetos bem elaborados, como a obra vai ficar, mesmo sem ela sair do papel, com a garantia de um serviço excepcional que traz aos clientes, segurança e tranquilidade ao saberem que seu sonho está na mão de excelentes profissionais.



A Delta vem ganhando espaço, não só na cidade, como na região. Há dois anos vem crescendo dia após dia e já ganhou três troféus referentes a que empresa da área as pessoas lembram na hora de construir. Não é à toa, que hoje conta com muitos seguidores nas redes sociais, sendo uma empresa engajada e presente no que se trata de novas maneiras de marketing.

Em suas páginas, a empresa está sempre mostrando aos seguidores e clientes, como se preocupa, trazendo feedbacks, imagens das obras que já iniciaram e dicas de decoração, além de atualizações dentro da área.

E a Delta também tem orgulho dos esportistas da cidade, sempre presente, incentivando os atletas a irem cada vez mais longe.



 @DeltaArqEng

 /DeltaArquiteturaEengenharia

 5199513 0954


DELTA
ARQUITETURA & ENGENHARIA

GENTE DAQUI

Rio-pardenses pelo mundo

Já deve ter ouvido a máxima de que, não importa o lugar, você sempre vai encontrar um rio-pardense. Nossa reportagem encontrou alguns desses filhos da Cidade Histórica que hoje moram em outros países.

Andressa

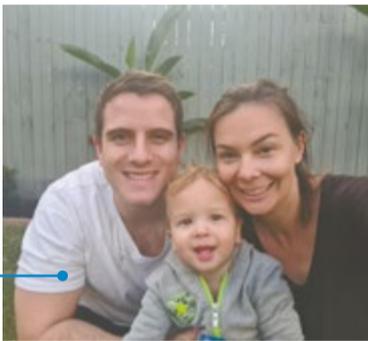
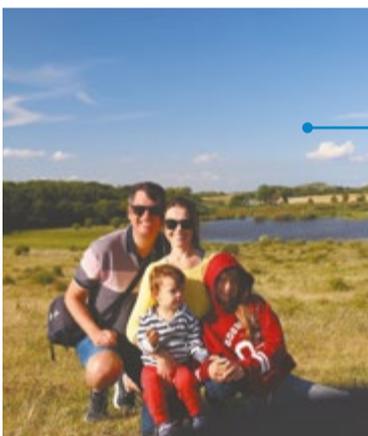
A estudante Andressa Lisboa Vaz da Rocha, de 31 anos, já mora fora do País há sete anos. Ela saiu de Rio Pardo e hoje mora em Buenos Aires, na Argentina, para realizar o sonho de se formar em Medicina. Ao lado do namorado Deyvison ela passou a pandemia no País vizinho. Os hermanos passaram pela quarentena mais longa do mundo, com muitas restrições. “A gente não tinha medo de sair na rua só por causa do vírus, tinha medo da polícia também.”, explica. Além

disso, a faculdade também precisou se adaptar com as aulas virtuais e paralisou as aulas práticas. As restrições também fecharam as fronteiras, o que fez com que Andressa não pudesse visitar a família. “Eu nunca fiquei tanto tempo longe de casa.”, conta a estudante, que está há 10 meses sem vir a Rio Pardo. Ela ainda completa, que sente mais falta de estar próxima das pessoas que ama. “Rio Pardo é o lugar onde eu me sinto segura e amada. É para onde eu sempre vou querer voltar.”

Ricardo

O policial Ricardo Frantz Rockembach, de 28 anos, deixou Rio Pardo há sete anos. Ele mora com a esposa Laure e o filho Valentino em Brisbane, no estado de Queensland, na Austrália. Quando voou para o outro lado do mundo, Rockembach foi para estudar inglês e depois ficou após conhecer a esposa. O período de

pandemia é descrito pelo jovem como assustador, principalmente no começo. “Mas depois tivemos sorte de que o governo e a população responderam bem e não foram muitos casos.” Ele não vem a Rio Pardo desde janeiro de 2017. E, sem pestanejar, do que sente mais falta? Do pai, Flávio Antônio Rockembach.



Renata

Em Lecce, na Itália, está a oceanógrafa Renata Tatsch Eidt, de 29 anos. Por lá ela divide a casa com amigas italianas. A jovem encarou a mudança há quase um ano para fazer doutorado. “A minha formação é na área de Oceanografia e Meteorologia, e sempre tive um grande interesse em mudanças climáticas. Foi pesquisando sobre o tema que acabei encontrando o edital de bolsas de doutorado da Universidade de Bologna”, conta. Renata se mudou em meio à pandemia e descreve como “peculiar viver um período de distanciamento social ao mesmo tempo em que começava uma nova fase da vida e buscava fazer novos amigos”. Ela se considera com sorte por ter encontrado pessoas

queridas já na chegada ao novo país. “Me senti acolhida desde o primeiro dia.”

Mesmo assim, a oceanógrafa diz que era desafiador, em meio às incertezas, saber que o “colo” estava do outro lado do oceano. “Pude descobrir também que a Itália tem uma cultura muito diferente do Brasil, então tem sempre aquele momento de adaptação, e aqueles momentos em que o italiano não chega a tempo de expressar tudo que a gente quer.” Faz um ano que Renata está longe da Cidade Histórica, planeja vir no fim do ano, fugir do frio do inverno europeu e matar a saudade da família e dos amigos. “Quando for pra Rio Pardo de novo com certeza vai ser a sensação de ‘voltar pra casa’.”

Emmanuelle

A fisioterapeuta Emmanuelle Schild Goldschmidt, de 42 anos, está fora do Brasil há 14 anos. Atualmente vive com o marido e os dois filhos ao norte de Copenhague, na Dinamarca. A mudança aconteceu quando o esposo recebeu um convite de trabalho. Inicialmente ela foi acompanhando, depois se aprimorou no idioma, validou o diploma e hoje exerce a profissão. Sobre o período de pandemia que assolou o mundo todo, Emmanuelle descreve como foi no País,

que foi um dos primeiros a introduzir o lockdown. “Em momento algum foi proibida a circulação das pessoas nas ruas, parques, parquinhos, desde que com moderação (isto é, sem aglomerações). Isso ajudou a amenizar um pouco a situação.” A última viagem a Rio Pardo foi há quase dois anos, pouco antes da pandemia da Covid-19. O que mais sente falta da Tranqueira Invicta? A família. “A convivência com eles e com meus amigos. É o que mais sinto falta”

Parabéns **RIO PARDO**,
terra de **TRADIÇÃO E**
DE COOPERATIVISMO.

Parabéns
RIO PARDO

Temos **orgulho** em contribuir
com o desenvolvimento
desta terra e desta gente.

Bruna

A farmacêutica Bruna Schwengber Lutz Henes, de 29 anos, mora desde 2017 em Munique, no estado da Baviera, na Alemanha, junto com o esposo Felipe Moraes Henes, também rio-pardense. Ela conta que a vontade de morar fora surgiu ainda em 2013, durante um intercâmbio universitário. Logo após a conclusão do mestrado da Bruna, o Felipe foi convidado a trabalhar na Europa. E os dois resolveram encarar este desafio juntos. “De lá pra cá estudei muito alemão e comecei também a trabalhar na minha área. Estamos felizes construindo um futuro juntos.” Apesar dos objetivos alcançados, ela ressalta que não é fácil e existem os perrengues, inclusive a pandemia. “Além da preocupação com a família, no início praticamente não podíamos sair de casa. Eu tinha uma autorização para apresentar caso a polícia me abordasse no caminho para o trabalho.” Hoje ambos estão vacinados,

mas seguem trabalhando de casa sempre que possível e mantendo os cuidados. “Para frequentar a área interna de bares e restaurantes, por exemplo, precisamos apresentar o certificado de vacinação.”

Bruna e Felipe são daqueles rio-pardenses que fazem questão que todos saibam onde fica a cidade e como ela é. “Temos muito carinho por Rio Pardo, tanto que todos os nossos colegas e amigos aqui sabem sobre a cidade e onde fica no mapa.” E outra ligação que eles mantêm com a cidade é a sintonia na Rádio Rio Pardo, para não perder nenhuma novidade.

Recentemente o casal esteve na Cidade Histórica, em agosto deste ano. E já tem o plano de voltar para passar o Natal com a família. “Tentamos, sempre que possível, ir duas vezes ao ano para a ‘Capital do Mundo’. Aí recebemos muito amor e compartilhamos muitas alegrias com os amigos e familiares. Retornar ao nosso lar é sempre maravilhoso.”



Saulo

Em Cleveland, estado de Ohio, nos Estados Unidos, mora o rio-pardense Saulo Machado Rodrigues, de 39 anos, junto com a esposa Suellen e a pequena Sarah, que nasceu em junho deste ano. Saulo mora fora há dois anos e meio quando foi convidado pela empresa para assumir um cargo técnico em Engenharia. Sobre a pandemia, Saulo conta que até foi cômodo ficar em casa no início, já que era inverno ainda, e encarar o home office. Por cerca de um a dois meses

o Estado ficou com tudo fechado, mas aos poucos tudo foi reabrindo e com cinco meses os encontros de amigos foram retornando aos poucos. “Nós já estamos acostumados com o contato virtual com a família, e aí mantivemos as ligações. Mas é claro que sentimos falta dos amigos.” A última vez que esteve em Rio Pardo foi em janeiro de 2020. O engenheiro sente mais falta dos amigos de infância, da família e de, simplesmente, caminhar pela Cidade Histórica.

Mariana

Há cinco anos a médica veterinária Mariana Priotto de Macedo, de 30 anos, deixou o Brasil. Atualmente mora em Sainte Anne de Bellevue, no Quebec, Canadá, e faz doutorado em Ciência Animal. Foi justamente a busca pela especialização na área profissional que levou Mariana a morar fora. Além, é claro, das outras possibilidades como morar em um país com diversidade cultural, segurança e qualidade de vida. As mudanças da pandemia foram desafiadoras. “Estar longe da família durante uma pandemia faz a distância ficar muito mais

dolorosa. De certa forma, me sinto mais segura aqui pela maneira que estão lidando. Ao mesmo tempo, a preocupação com a família e a sensação de impotência por estar tão longe está sendo algo bem difícil de lidar.”

Mariana sempre tenta estar em Rio Pardo nas festas de fim de ano, e conseguiu vir em 2020, tomando todos os cuidados. A família é o que mais sente falta, mas conta também o chimarrão na beira do rio, as pessoas queridas, o peixe do Costaneira, os bares do Centro no verão, o café na Sabor e Arte e os churrascos de família aos domingos.



R K S
A D V O G A D O

Dr. Renan Klein Soares
OAB/RS 70.712

📍 Rua Almirante Alexandrino, 834 - Centro - Rio Pardo/RS 📞 51 3731.3485 📠 51 99654.6082

Parabéns Rio Pardo!
212 anos

Nathanny Menezes
FISIOTERAPEUTA

FisioSalas
📍 Rua General Osório, 746 - Rio Pardo/RS
📧 nathannymenezes@hotmail.com
📞 3731 4263
📞 99590 9028

Renata

Renata Teixeira Alvares, de 31 anos, é analista financeira e vive em Lisboa, Portugal. Está fora do Brasil há sete anos, cinco em Portugal e dois anos que esteve em Dublin, na Irlanda. A vontade de viajar e conhecer novas culturas fez Renata alçar voo. “Acredito que viver fora abre a mente e aprendemos a valorizar as pequenas coisas.” A pandemia para a analista foi tranquila, na medida do possível, estava estudando e trabalhando, sem muito tempo. Com isso, os

períodos de lockdown foram até benéficos, se transformaram em tempo livre”. De qualquer forma, sempre senti que Portugal se organizou muito bem durante a pandemia, sempre me senti segura e mantive contato constante com família e amigos por telefone. Minha única preocupação era sempre com a família.” As últimas passagens por Rio Pardo são recentes, em novembro de 2020 e março de 2021. O que sente mais falta? Família e amigos.



Glauber

Sydney, em New South Wales, Austrália, é o endereço do rio-pardense Glauber Dal Osto, que mora com a noiva e tem o irmão morando no bairro ao lado. Desde 2014 fora, apenas com um curto período de volta ao Brasil, Glauber trabalha como motorista de caminhão e se descreve como um aventureiro, fascinado por viagens e conhecer novos lugares, idiomas e culturas. E isso o levou a morar fora. “Sempre quis aprender inglês para poder viajar, porque acreditava que iria facilitar a minha vida de viajante. Foi aí que encontrei a Austrália.” Ele conta que por lá o estudante tem a permissão de trabalhar, o que para ele era crucial, já que precisava se manter. Na pandemia, o lockdown foi restrito logo que começou. “Aqui onde moro parou tudo, não se via quase ninguém nas ruas, então como não teve o aumento dos casos, aos poucos foi aliviando o lockdown, mas sempre com muitas restrições, mínimo de pessoas em restaurantes, lugares públicos e academias.” As fronteiras seguem fechadas até hoje

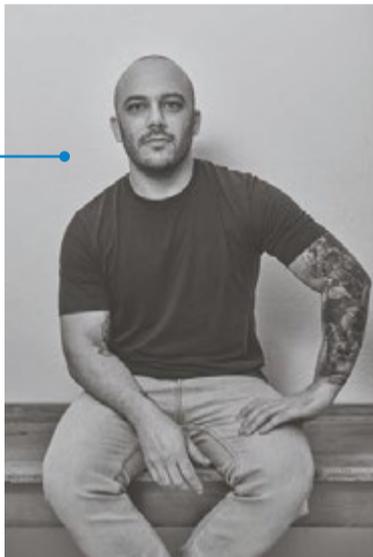
e para entrar no País a quarentena é obrigatória. Tudo estava normal até que houve um aumento expressivo nos casos, novamente tudo foi fechado e quem descumprisse as regras pagava multas. Por exemplo, o não uso da máscara acarretava em 500 dólares e para poder sair para trabalhar, como o Glauber, uma permissão precisava ser feita no site do governo a cada 14 dias. A falta dela custava uma punição de 22 mil dólares. O poder público também auxiliou empresas e a população com benefícios, estudantes internacionais também têm direito a 750 dólares semanais para conseguir se manter. Hoje a vacinação anda a passos largos no país, apesar de ter começado depois de muitos, até mesmo do Brasil.

Glauber não vem a Rio Pardo desde março de 2018. Até tinha passagens para agosto do ano passado, mas por conta da pandemia, elas foram canceladas. O motorista sente falta da família, dos amigos e também de ver o pôr do sol direto da Avenida Perimetral.

Rafael

Em Barcelona, no estado da Catalunha, na Espanha, o rio-pardense Rafael Panatieri, de 35 anos, atua como cozinheiro e empreendedor, dono de uma pizzeria. Ele deixou o Brasil há 12 anos e mora com a esposa Ana e o pequeno Romeo. A mudança foi por conta da profissão, em busca de novas experiências.

A pandemia foi um momento desafiador. “Pela constante sensação de impotência em relação a coisas normais do dia a dia, mas foi também de grande importância para estar mais próximo da minha família.” Rafael não vem a Rio Pardo há quatro anos, e sente mais falta da família, mãe, pai e os irmãos.



Alexandre

O árbitro de Jiu-Jitsu Alexandre Nascimento, de 40 anos, mora com a esposa e o filho em Abu Dhabi, a capital dos Emirados Árabes Unidos. Ele deixou Rio Pardo há nove anos em busca de novas oportunidades profissionais. A pandemia por lá teve ação rápida do governo, lockdown, aulas online, e

um suporte do poder público que manteve os salários iguais. Além de multas para quem descumprir as regras impostas como combate ao coronavírus e a vacinação, que começou ainda em 2020. Junto com a família, Alexandre esteve em Rio Pardo em agosto deste ano, depois de dois anos sem vir por conta da pandemia.

Precisa de boas ideias para dar aquele UP nas suas redes sociais? Então vem conversar com a gente!

boa ideia 103

gerencia@radioriopardo.com.br
riopardofm103.5
@riopardofm103.5
995 55 07 90

RÁDIO RIO PARDO FM 103.5

Parabéns Rio Pardo pelos 212 anos de história, cultura, tradição e desenvolvimento, contribuindo com o crescimento e formação de nosso Rio Grande do Sul!

Rio Pardo, orgulho dos Gaúchos!

DEPUTADO ESTADUAL
ERNANI POLO



Ana Priscilla

Aos 33 anos, Ana Priscilla Poletto Begnis Henes mora com a filha Ana Clara e o marido Egas Neto, de 40 anos, também rio-pardense, em Graz, no estado da Estíria, na Áustria. Graz é a segunda maior cidade do país logo depois de Viena. A estadia da família por lá começou há cinco anos quando Egas recebeu uma proposta de trabalho. Ele é engenheiro especialista em microeletrônica, e Ana e a filha foram acompanhar. “No início foi tudo muito diferente. Vim pensando em seguir minha carreira na área jurídica, mas chegando aqui percebi que minha primeira profissão - cabeleireira - poderia me trazer

muita felicidade, além de ajudar muitas brasileiras que buscavam pelo serviço.” A rio-pardense conta que também é uma oportunidade da pequena Ana Clara aprender o inglês e o alemão, que é o idioma oficial da Áustria.

A pandemia foi um turbilhão de emoções. Ana recém tinha retornado do Brasil quando aconteceu o

primeiro lockdown no País. “Durante essa pandemia, pude perceber o quanto é importante o país ser bem administrado. Cada país tem sua estratégia de enfrentamento à pandemia e por aqui passamos por alguns momentos de isolamento absoluto, os quais não foram tão legais, mas totalmente necessários.” Os restaurantes chegaram a ficar seis meses fechados, mas com um auxílio do governo para que não fechasse em definitivo. Em caso de descumprimento de regras é aplicada uma multa. Os testes da Covid-19 são gratuitos e precisam ser apresentados para entrar em estabelecimentos ou eventos. A máscara segue obrigatória em determinados lugares, principalmente para os que não estão vacinados. Ana e a família vem seguido para Rio Pardo, visitar amigos e familiares. A última vez foi em agosto deste ano. As visitas amenizam um pouco a falta da família, da comida da casa dos pais - que para ela é a melhor do mundo -, e também do Zé, o cachorro que ficou por aqui.



quem foi?

Ernesto Alves

Ernesto Alves de Oliveira nasceu em 21 de abril de 1862, em Rio Pardo, onde viveu parte da infância na fazenda com os pais Manoel Alves de Oliveira e Rafaela Azambuja de Oliveira. Aos 11 anos de idade foi para Porto Alegre estudar no Colégio Gomes e depois no Souza Lobo. Já na juventude demonstrou ser um grande orador, a habilidade o levou para a Faculdade de Direito de São Paulo, junto com outros nomes gaúchos conhecidos, como Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, Assis Brasil e Pinheiro Machado. Foi em São Paulo que integrou o Centro 20 de Setembro, grupo que reunia jovens acadêmicos que defendiam o fim da monarquia e a abolição da escravatura.

profissão e também a causa republicana. Em Rio Pardo, Ernesto fundou o Clube Republicano, em 1884, as reuniões aconteciam no Hotel Brasil, antiga sede da Prefeitura. Ele era um defensor castilhistas e substituiu Júlio de Castilhos na direção do jornal A Federação. Ernesto Alves foi o autor do projeto para aprovação da bandeira estadual. Além do órgão oficial do Partido Republicano, em 1887 começou a circular o jornal O Patriota, que se identificava com as causas. Organizou a Conferência Republicana, em 1891, às vésperas da queda da Casa dos Bragança e Orleans. No mesmo ano foi eleito deputado constituinte. Morreu antes dos 30 anos, em 1891. Foi advogado, jornalista e político.

Aos 21 anos, formado advogado, voltou para Porto Alegre, onde se dedicou à

Fonte: Uma luz para a história do Rio Grande - Rio Pardo 200 anos (Editora Gazeta)

Comunidade rio-pardense,

Tenho muito orgulho em estar vereadora deste município e poder representar a toda comunidade da cidade e do interior. Tarefa nada fácil, pois nem tudo consigo resolver. Muitas coisas não dependem só de mim. Mas eu luto, corro atrás das demandas do povo, estou sempre à disposição de todos e tentando sempre fazer o melhor, de forma humilde e simples. Trabalho todos os dias, de segunda a segunda e procuro atender e dar atenção à população. Fiscalizo, cobro, elogio, crítico (construti-

vamente) e luto por melhorias na SAÚDE, AGRICULTURA E EDUCAÇÃO para todos e por todos. Espero estar orgulhando aqueles que me confiaram esta missão: de ser a voz do povo na Câmara. A minha vontade é fazer ainda mais! Então sigo fazendo o que está ao meu alcance, o que me cabe e lutando, respeitosamente, por um futuro melhor para o município. Sou mãe, mulher, professora, agricultora e uma apaixonada pelo Passo da Areia e toda nossa Rio Pardo.

Sou do povo e trabalho pelo povo.

Parabéns querida Rio Pardo pelos 212 anos de história!

**COMPROMISSO
COM A NOSSA
GENTE!**

vereadora
Marciele Rosa 

PSDB
MULHER





Foto: Gelson Pereira

TRADIÇÃO

Há um século a Farmácia do Povo

Uma tradição passada de geração em geração ajuda o bem estar dos rio-pardenses

Carlos José Pereira um dia foi para o Rio de Janeiro estudar com o tio Oscar Pereira. “Na época existia a faculdade de ofício. Ele escolheu ser boticário”, nos conta o neto José Roberto Pereira.

Povo Matriz, e também da filial, é José Roberto, filho de Athos, que era representante comercial fazendo visitas a médicos e vendendo para farmácias. Só depois foi trabalhar no estabelecimento da família. Ele recorda como era o trabalho no local. “Meu pai trabalhava aqui, meu avô e funcionários. Uns dois no balcão e de oito a dez no laboratório que aprendiam com meu vô”.

Depois, Carlos trabalhou com o tio e o primo, e na sequência foi para Pelotas trabalhar em uma farmácia. Lá foi aconselhado a fundar uma farmácia em outra cidade. “Ele foi pra São Lourenço e criou a Farmácia Central. Lá não tinha nenhuma”, lembra o neto.

Os médicos frequentavam sempre e faziam o local de uma espécie de segundo consultório. “Traziam formulações para que fossem feitas”, conta José Roberto.

Em 1931 chegou em Rio Pardo após não conseguir negociar uma farmácia em Santa Cruz do Sul. Por indicação soube que existiam duas farmácias em Rio Pardo do mesmo dono. Francisco Alegre Flores era proprietário das Farmácias do Povo e Toledo. “Ele negociou e comprou o prédio. Ali começou a história da farmácia na família”, detalha José Roberto.

Ele faz o relato também da surpresa ao atender um senhor de 97 anos. “Me surpreendeu que ele disse: ‘no tempo do teu avô eu já vinha aqui pra comprar medicação para o meu pai que já era cliente. É muito gratificante atender uma pessoa que tem idade para ser teu avô, e que é cliente fiel. Eu tive essa grata satisfação em atendê-lo”.

O estabelecimento já existia desde 1908, uma época onde era tudo manipulado. Depois de alguns anos Athos Ernani Pereira, filho de Carlos, passou a trabalhar na empresa também. Hoje quem está à frente da Farmácia do

Hoje a farmácia mantém a tradição com o laboratório de manipulação, e tem uma filial comandada por Clarisse Crespo Pereira, esposa de José Roberto. Dos três filhos do casal, nenhum seguiu o ofício.

Rio Pardo
212 anos

EU AMO RIO PARDO

Nosso carinho especial aos riopardenses, que levam no peito o orgulho de pertencer à cidade que foi o berço do Rio Grande!

Parabéns Cidade Histórica!

FERRAGEM RIO GRANDENSE

ANDRADE NEVES, 470 - CENTRO
RIO PARDO-RS FONE 51 3731 4163

212 anos
Parabéns Rio Pardo!

FARMÁCIA DO POVO
Farmácia de Manipulação

MATRIZ Andrade Neves, 294 (ao lado da Prefeitura) Fone/Fax: 3731 1822	FILIAL 1 Andrade Neves, 454 (ao lado da loja Colombo) Fone/Fax: 3731 4587
---	---

As Farmácias do Povo II e III

Situação diferente é a dos filhos do irmão Carlos Eduardo Pereira. Carlos Meyer Pereira e Igor Meyer Pereira estão à frente hoje das Farmácias do Povo II e III. É Carlos quem nos conta mais um pouco da história da família. “Eu sei que meu avô e bisavô venderam a farmácia e trabalharam como agricultores. Depois resolveram comprar novamente a farmácia”.

O pai trabalhava com o irmão José Roberto e abriram uma filial em frente ao Hospital Rural. “Meu pai saiu da farmácia para trabalhar em

outras coisas. Ao voltar para Rio Pardo a gente conversou e decidimos abrir novamente um estabelecimento no mesmo segmento”, conta Carlos. E foi assim que outra farmácia do povo foi aberta novamente em frente ao Hospital Rural, que funcionava na Travessa Rodolfo Moreira de Souza.

Só que dessa vez somente Carlos Eduardo ficou a frente dessa nova farmácia. “Mas daí foi só meu pai. Meu tio continuou com a matriz. Os negócios são diferentes, um ajudando o outro”.



**“É muito gratificante atender uma pessoa que tem idade para ser teu avô, e que é cliente fiel. Eu tive essa grata satisfação”
(José Roberto Pereira)**

Tradição em família

Os irmãos Carlos e Igor se formaram, hoje são Farmacêuticos e seguiram tocando as Farmácias II e III. Carlos confessa que chegou a pensar em cursar outra faculdade, estando indeciso também entre Economia e Medicina. “Optei por farmácia pela segurança e olhando pelo histórico da minha família”. Mas conseguiu unir um pouco de tudo o que gosta com cursos de especialização.

Quando indagado sobre o que representa a Farmácia do Povo para Rio Pardo ele responde: “Pra mim é o que eu tenho da minha vida, o que me inspira a levantar todos os dias e correr atrás dos objetivos. Ajudar a população é o que eu mais gosto de fazer”.

Para tio José Roberto a tradição passa confiança para a população. “Eu acho que pra Rio Pardo é um ícone já que está aqui há 113 anos e na mão da família há 90”.

quem foi?

Barão do Triunfo

José Joaquim de Andrade Neves, o Barão do Triunfo, nasceu em Rio Pardo no dia 22 de janeiro de 1807. Filho do major José Joaquim de Figueiredo Neves e Francisca Ermelinda de Andrade Neves, se tornou praça no 5º Regimento de Cavalaria em 1826. Deixou a atividade em 1827 para ajudar o pai no campo e retornou em 1835, por ocasião da Revolução Farroupilha. Ele participou de mais de 15 combates. Com o fim da revolução, voltou para Rio Pardo onde casou com Ana Carolina, irmã do Coronel João Luiz Gomes. O casal teve três filhos: Maria Adelaide de Andrade Neves, José Joaquim de Andrade Neves Filho e

Luís Carlos de Andrade Neves.

Mas, ele não abandonou a vida militar, retornou mais uma vez em 1851 para lutar contra o General Rosas, ditador de Buenos Aires. Em 1864 começou a Guerra do Paraguai, onde o general foi destaque. Ele recebeu o título de Barão do Triunfo em 1867. Um ano depois teve a ponta do pé quebrada por uma bala. Foi levado a Assunção, onde morreu em janeiro de 1869. Apenas em abril os restos mortais foram trazidos para o Rio Grande do Sul, quando foi sepultado na Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário.

FARMÁCIAS Associadas
Aqui você tem amigos.



Farmácia do Povo 2
Rua Andrade Neves, 564
Rio Pardo/RS
Fone 3731-1929

Farmácia do Povo 3
Rua Andrade Neves, 870
Rio Pardo/RS
Fone 3731-3006

Parabéns Tranqueira Invicta, pelos seus 212 anos de orgulho aos gaúchos. Terra de gente guerreira, trabalhadora e hospitaleira! Que o brilho das glórias do passado esteja sempre presente em todos os nossos dias.

RIO PARDO
212 ANOS





Marília Nascimento

SAÚDE

Um sonho ainda em construção

Clínica Fisiosalas está em constante crescimento sempre visando o melhor atendimento

O sonho em exercer a profissão de fisioterapeuta fez Lauro Custódio de Aguiar abrir seu primeiro consultório logo depois da formatura, em setembro de 2009. Ali em uma sala com apenas uma maca nascia o embrião da Clínica Fisiosalas. Apesar dos depoimentos contra, de que a profissão não tinha espaço em Rio Pardo, não teria pacientes, o consultório cresceu e dois anos depois nasceu oficialmente a empresa Fisiosalas.

Atualmente aquela sala virou dois prédios com uma equipe multidisciplinar com

cerca de 15 profissionais que engloba pilates, dança, atividade física, cuidados estéticos, terapia ortomolecular, quântica, holística e florais. Sempre no mesmo ponto da Rua General Osório no Centro da cidade.

Além disso, a Clínica Fisiosalas e Espaço Fitness hoje conta também com uma loja. O segmento mais jovem dentro da empresa, que abriu há cerca de um mês, oferece aos clientes e pacientes a oportunidade de adquirir produtos de qualidade na linha de roupas fitness, suplementos e medicamentos naturais. Tudo

para cuidar da saúde em um único local.

Este cuidado é a principal diferença que o doutor Lauro nota nestes 12 anos de funcionamento. "Hoje a busca é pela qualidade de vida, promoção e prevenção da saúde. Antes era exclusivamente para reabilitação que os pacientes buscavam.", conta. E, não é porque realizou o sonho lá em 2009 que o proprietário não segue vislumbrando novos horizontes. "Procuro sempre ter sonhos para me manter estudando, me manter crescendo. A meta é agregar o que surgir."

Ambiente familiar

O fisioterapeuta conta que a primeira a acreditar no sonho e dar o apoio para que o consultório virasse realidade foi a mãe... "Ela investiu no meu sonho. Principalmente deixando eu usar o prédio. A casa dela. Ela sabia que tinha um bem maior por trás disso.", relata. Ainda ressalta: "A minha missão é promover a saúde e ajudar ao próximo. Trabalho desta forma todos os dias."

Os 15 profissionais que

atuam na Fisiosalas incluem os que estão lá diariamente e aqueles que atendem de forma esporádica. Mas, todos encontram o mesmo ambiente familiar e esse é um diferencial para Aguiar. Para ele o profissional pode ser o melhor, mas se não estiver em um lugar que se sinta bem, não vai adiantar. "A gente trabalha com reiki, energias positivas. Passamos mais tempo aqui do que na própria casa, tem que ser um ambiente bom."



Divulgação

Lauro, Alice e o pequeno Lorenzo



Além da fisioterapia, tem ainda terapia ortomolecular, quântica, holística e florais. Dança, estética, pilates, academia e treino funcional

Cidade de gente hospitaleira, que guarda nas raízes do passado, a herança do povo gaúcho.

Parabéns Rio Pardo, pelos seus 212 anos!



Papa João XXIII, 224 - Centro Pantano Grande/RS

Dr. João Pessoa, 843 - Centro Rio Pardo/RS

PREVENÇÃO

Cor de rosa para conscientizar

Liga Feminina de Combate ao Câncer ajuda mulheres a passarem pelo período de tratamento

Os meses ganham cores em nome de campanhas de conscientização e o ano fica colorido, cada período chamando atenção para uma causa. Um dos mais conhecidos é o Outubro Rosa, um movimento internacional de conscientização para o controle do câncer de mama. A data serve para compartilhar informações e promover ações que esclareçam tudo sobre a doença. Além de proporcionar mais acesso aos serviços de saúde com diagnóstico precoce e prevenção.

Em Rio Pardo a Liga Feminina de Combate ao Câncer atua durante todo o ano prestando auxílio tanto para pacientes com câncer de mama, quanto para outros tipos da doença. A Liga trabalha com voluntárias que fazem o recolhimento da contribuição dos associados e também atendem aos pacientes. Momentaneamente sem o atendimento presencial por conta da pandemia da Covid-19, a entidade segue dando todo o auxílio para os que recorrem a ela. Segundo o balanço de 2020, os gastos em medicamentos ficaram na casa dos R\$ 46,3 mil, quase R\$ 3 mil a mais do que foi arrecadado.

Todo este empenho das voluntárias faz a diferença na vida de famílias inteiras que precisam enfrentar o câncer. Foi o caso da Elisa Mara Bitencourt dos Santos, de 57 anos, que descobriu o câncer de mama em setembro de 2020 através de exames de rotina. Elisa é mãe

de dois filhos adultos e já teve um caso de uma tia na família que tinha passado pela doença.

A funcionária pública conta que no primeiro momento foi assustador. “Mas durou dez minutos. Logo levantei a cabeça e não me deixei abater nunca, não chorei e sempre pensei que ia me curar.” Ela levou a vida dentro da normalidade que o tratamento impõe, já que passou por cirurgia, quimioterapia e radioterapia. “A parte mais difícil foi a primeira química vermelha (a mais forte), baixou minha pressão, acabei caindo e me machucando, mas nada grave.”

Agora na fase de acompanhamento periódico, em fevereiro ela refaz os exames, se considera ótima. Elisa considera a Liga como um alicerce, que auxiliou com medicamentos e até mesmo a gasolina do deslocamento para consultas, exames e tratamento. “Eu fiz exames de todos os órgãos. Isso é muito bom pois tranquiliza.” O pedido para outras mulheres é que “se coloquem em primeiro lugar”. Faça os exames regularmente, não deixe passar as datas e fique atentas aos sinais. “Superar um câncer é um aprendizado, me descobri forte e confiante. Para as mulheres que estão passando por isso, diria para se manterem calmas e otimistas pois ajuda muito na cura.”

O recado de Rosemeri Trindade é bem parecido com o da Elisa. “Sempre com força e fé. Se hoje o dia está nublado,

amanhã vai ter sol. É preciso agradecer a Deus sempre.” Rosemeri descobriu o câncer em 2015, já tinha passado por isso na família com o avô e outras três tias. “Foi difícil receber o diagnóstico. Sempre vai ser difícil quando se descobre uma doença.”

Todas as fases são difíceis no tratamento, e Rosemeri sentiu ainda mais a perda do cabelo. Mas, nem tudo foram momentos de sofrimento, foi durante todo o processo de cura do câncer de mama que ela descobriu a gravidez da filha. “A médica dizia que eu não teria filhos, que estava sendo induzida a uma menopausa precoce. Mas aí veio a minha filha, Clara Bianca. O que me deu mais força.”

A Liga Feminina de Combate ao Câncer é descrita por Rosemeri como “anjos na vida dela”. Porque as voluntárias foram além do tratamento, ajudaram com tudo que a bebê precisaria para os primeiros meses de vida. Foram roupas, fraldas, itens de higiene. Rosemeri teve o final feliz da história dela e pede para que as mulheres se cuidem. “Faça o autoexame no banho. Procurem sempre estar em dia com os exames preventivos. É muito importante o cuidado com a saúde.”



Fotos: Marília Nascimento



A Liga Feminina de Combate ao Câncer é descrita por Rosemeri como “anjos”

Aqui nasceu o Rio Grande e vários de seus heróis.
É um grande orgulho de fazer parte desta história!

Parabéns Rio Pardo pelos seus 212 anos!

Óptica e Joalheria
Oscar Joalheiro

Óptica e Joalheria



Rua Andrade Neves, 784, Centro
513731 5333 | oscarjoalheiorp@hotmail.com

ÓCULOS DE GRAU • ÓCULOS DE SOL • JÓIAS • SEMI JÓIAS
RELÓGIOS • PILHAS • PULSEIRAS • GRAVAÇÕES • CONCERTOS



Rádio Rio Pardo FM
Rua Andrade Neves,
431 - Sala 202
Centro de Rio Pardo

51 3731 3790
gerencia@radioriopardo.com.br
facebook.com/radioriopardo103.5
instagram.com/riopardofm103.5
WhatsApp 51 995 550 790

Diretor Presidente
André Luís Jungblut

Gestão executiva
Jones Alei da Silva

Diretor de rádios
Flávio Falleiro

Gerente de rádio
Ricardo Figueiró

Edição
Marília Nascimento

Projeto gráfico
Gelson Pereira

Reportagens
Cléber Nascimento e
Marília Nascimento

Comercial
Giselle Lima e Sílvia
Neuvald



Rua Andrade Neves, 431, sala 202 - Centro
Rio Pardo/RS - 51 3731 1390 / 3731 3790

✉ jornalismo@radioriopardo.com.br

📘 [riopardofm103.5](https://www.facebook.com/riopardofm103.5)

📷 [@riopardofm103.5](https://www.instagram.com/riopardofm103.5)

📞 5199555 0790

